

JOSÉ BENTO,  
TRADUTOR DO *QUIXOTE*

CARMEN M<sup>a</sup> COMIN● FERNÁNDEZ DE CAÑETE  
Universidad de Extremadura

**Resumen**

La conmemoración del cuarto centenario del *Quijote* trajo consigo dos nuevas traducciones en Portugal, la de Serras Pereira y la de José Bento. Este último posee una doble conexión con España: es el mayor traductor de poesía española al portugués y parte de su propia obra poética está traducida al español. En este artículo analizamos, principalmente, algunas estructuras lingüísticas problemáticas del *Quijote*, paremias (con sentido literal o metafórico), en la traducción de José Bento. Con este trabajo completo otras investigaciones sobre el tema: *Los refranes del Quijote y sus traducciones en la lengua portuguesa* (Granada, 2004) y el capítulo «La traducción de los refranes del *Quijote* en lengua portuguesa: tres casos diferentes» (*Perfiles de la traducción hispano-portuguesa*, 1, Vigo, 2005).

*Palabras clave:* Traducción, José Bento, *Don Quijote*, paremias.

**Abstract**

The commemoration of the four hundredth anniversary of the publication of *Don Quixote* brought about two new translations in Portugal, Serras Pereira's and José Bento's. The last translator has a double connection with Spain: he is the most prolific translator from Spanish poetry into Portuguese, and part of his own poetic work has been translated into Spanish. The aim of this article is the analysis of some problematic linguistic structures in *Don Quixote*, proverbs (with literal or metaphoric sense), in José Bento's translation. With this work, I complete other research projects on the subject: *Los refranes del Quijote y sus traducciones en la lengua portuguesa* (Granada, 2004) and the chapter «La traducción de los refranes del *Quijote* en lengua portuguesa: tres casos diferentes» (*Perfiles de la traducción hispano-portuguesa*, 1, Vigo, 2005).

*Keywords:* Translation, José Bento, *Don Quixote*, proverbs.

### 1. O tradutor

Anunciada desde 2003<sup>1</sup> a tradução do *Quixote* de José Bento, só em Maio de 2005 veio à estampa. Embora o autor refira que não foi por causa das comemorações do IV Centenário do *Quixote* que a fez, a verdade é que apenas chegou no momento em que parecia realmente «obrigatório»:

Quanto à minha tradução não a fiz para comemorar os quatrocentos anos da publicação deste livro que me acompanha desde há muito tempo, fi-la sobretudo para melhor poder saborear esta obra querida, não no seu original mas em algo que é também meu<sup>2</sup>.

Palavras reveladoras não só do espírito que guia a tradução de José Bento mas também da maneira como a introduz no seu mundo de (re)criação, pois, como salientava Octavio Paz, «traducción y creación son operaciones gemelas»<sup>3</sup>. José Bento afirmou à Agência Lusa<sup>4</sup> ter «uma relação de toda a vida» com o herói cervantino, já que leu o livro pela primeira vez «há mais de 50 anos», quando tinha catorze ou quinze anos, na tradução livre de Aquilino Ribeiro. Releu-a uma segunda vez numa versão dos Viscondes de Castilho e Azevedo e uma terceira já em castelhano. José Bento destacou, em entrevista ao diário *Público*, aquilo que constitui para ele uma das grandes características de Cervantes: «[...] a sua benevolência, a sua compreensão para com o humano»<sup>5</sup>.

Detenhamo-nos um pouco na figura de José Bento (n. Pardilhó, Aveiro, 1932), tradutor de primeira plana e importante divulgador da literatura espanhola em Portugal, no melhor sentido da palavra. José Bento, quando traduziu *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, contava já com um imenso renome como tradutor de outros clássicos da literatura espanhola e latinoamericanos, tanto em poesia como em prosa. Como se pode ver ao consultar a entrada «José Bento» no ficheiro de autores da Biblioteca Nacional de Lisboa, há 63 títulos de traduções com a sua assinatura. Isto revela que já desde 1957, aproximadamente, se dedicava à tradução. É considerado o maior tradutor da literatura hispânica em Portu-

<sup>1</sup> Vid. *Os Meus Livros*, Lisboa, número de Fevereiro de 2003, pág. 42.

<sup>2</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, tradução e notas de José Bento, Lisboa, Relógio d'Água, 2005, págs. 11-12. Nesta, como em outras ocasiões em que aparecem só algumas palavras destacadas (em itálico) nas citações, tais realces são da responsabilidade da autora deste artigo. A tradução de José Bento está publicada num só volume. Nas outras traduções que comentarei, se tiverem mais de um volume, indicá-lo-ei em números romanos.

<sup>3</sup> *Traducción: literatura y literalidad*, 3ª ed., Barcelona, Tusquets, 1990, pág. 23.

<sup>4</sup> Vid. *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano xxv/nº 905 (2005), pág. 8.

<sup>5</sup> *O Público*, 16 de Janeiro de 2005, pág. 14.

gal<sup>6</sup>, sobretudo da poesia. Traduzira Pablo Neruda (1973), Garcilaso de la Vega (1986), Jorge Manrique (1986), Quevedo (1987), Antonio Machado (1989), Santa Teresa de Jesús (1989), César Vallejo (1992), Jaime Gil de Biedma (1992), Juan Ramón Jiménez (1992), Federico García Lorca (1993), Rubén Darío (1994), Manuel Machado (1995), San Juan de la Cruz (1997), Vicente Aleixandre (1997), Octavio Paz (2000), Unamuno (2003), etc., além de ter organizado diversas antologias de poesia espanhola, como a *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea* (1985<sup>7</sup>), a *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»* (dois tomos, 1993-1998), a *Antologia da Poesia Espanhola das Origens ao Século XIX* (2001<sup>8</sup>), e de ter traduzido a de Eloy Sánchez Rosillo, *As coisas como foram: antologia poética* (2004). Ele próprio, também poeta —foi um dos mais jovens colaboradores da revista *Árvore*<sup>9</sup>—, é igualmente autor, entre outros títulos, de *Sequência de Bilbao e In Memoriam* (1978), *O Enterro do Senhor de Orgaz* (1986), *Adagietto* (1989), *Silabário* (1992<sup>10</sup>), *Um Sossegado Silêncio* (2002) e *Alguns Motetos* (2003), onde o lado criativo do escritor não se esgota na reconstituição de temas, cenas ou atmosferas, mas «se estende à própria linguagem que nos impressiona pela combinatória dos signos linguísticos»<sup>11</sup>, sendo que algumas vezes a intertextualidade com os poetas traduzidos é visível na sua poesia.

Grande parte da sua obra está traduzida e publicada em Espanha: *El entierro del señor Orgaz*, 1986, *En el silencio de Noviembre*, 2000, e *Algunas Sílabas*, 2001 (livro que, tal como em português, reúne quase toda a sua obra poética escrita até então).

Traduziu também prosa do espanhol: *A Celestina*, livros de Unamuno, de Juan Ramón Jiménez<sup>12</sup>, de Ortega y Gasset, de Jorge Luis Borges, de María Zambrano, de J.M. Arguedas, de Octavio Paz, de Ignacio Martínez de Pisón, de Julián Marías, etc. E, no âmbito do teatro, verteu para português a Calderón de la Barca, Valle-Inclán e Lorca.

<sup>6</sup> Vid. Instituto Português do Livro (org.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Lisboa, Nem Martins: Europa América, 1990, vol. VI, coord. Idílio Rocha.

<sup>7</sup> Foi-lhe atribuído o Prémio de Tradução do Pen Clube Português.

<sup>8</sup> Reconhecido como grande conhecedor e o maior responsável pela divulgação da poesia espanhola em Portugal, foi condecorado pelo rei de Espanha, em 1991, com a «Medalla de Oro al Mérito de Bellas Artes». Em 1992 foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique e condecorado pelo presidente da República Portuguesa.

<sup>9</sup> Foi autor de colaboração dispersa em revistas portuguesas como *Nova Renascença*, *Colóquio Letras e Cassiopeia*, que chegou a dirigir. Vid. Fernando J.B. Martinho, *Tendências dominantes da poesia portuguesa da década de 50*, Lisboa, Colibri, 1996, pág. 221.

<sup>10</sup> Livro que reúne quase toda a sua obra poética, incluindo alguns inéditos. Foi-lhe atribuído o Prémio D. Dinis; prémio literário instituído pela Fundação da Casa Mateus.

<sup>11</sup> Vid. António Ramos Rosa (org.), *Líricas Portuguesas, Quarta Série*, Lisboa, Portugália Editora, 1969, pág. 33.

<sup>12</sup> A sua tradução *Platero e Eu*, foi publicada em múltiplas ocasiões, aproximadamente desde o ano 1957 até 1984.

José Bento, como tradutor de *Quixote*, não deixa de manifestar o seu interesse por ser fiel ao texto original cervantino («Pretendi servir o livro traduzido, *cingindo-me muito à sua letra*, que cifra o seu espírito, o que não foi fácil nem isento de dúvidas e receios»<sup>13</sup>). Por sua vez, a outra tradução publicada em 2005, a de Serras Pereira, pretende «evitar os anacronismos, bem como os casticismos ou arcaísmos de estuque»<sup>14</sup>.

## 2. A tradução

### 2.1. O PRÓLOGO: DA FIDELIDADE À LETRA

Começaremos a nossa aproximação pelo prólogo, como mero introdutor, no texto espanhol:

Desocupado lector: sin juramento me podrás creer que quisiera que este libro, como hijo del entendimiento, fuera el más hermoso, el más gallardo y más discreto que pudiera imaginarse<sup>15</sup>.

E na tradução de José Bento:

Ocioso leitor; sem que eu jure, poderás acreditar que eu gostaria que este livro, como filho da inteligência, fosse o mais formoso, o mais airoso e o mais sensato que se possa imaginar<sup>16</sup>.

Como se pode ver, cinge-se à letra sem dificuldade, pois não há quaisquer mudanças para além da procura da sinonímia. Mas, ao compararmos com a tradução de Serras Pereira, esta letra de José Bento já não parece tão rigorosamente sujeita ao texto:

Desocupado lector: sem juramento me poderás creer que *quisera*<sup>17</sup> que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo e o mais discreto que *puñera* imaginar-se<sup>18</sup>.

<sup>13</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, tradução e notas de José Bento, *op. cit.*, pág. 12.

<sup>14</sup> *D. Quixote de la Mancha*, tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, ed. D. Quixote, 2005. Seguiremos para as nossas citações uma segunda edição que foi aparecendo periodicamente desde Outubro, também em 2005, com o semanário *o Expresso*, em 10 vols. (vol. 1, pág. 11).

<sup>15</sup> Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*, edición del Instituto Cervantes, dirigida por Francisco Rico, Barcelona, Crítica, 1999, pág. 9. As seguintes citações em espanhol procedem desta mesma edição.

<sup>16</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, tradução e notas de José Bento, *op. cit.*, pág. 19.

<sup>17</sup> Se bem em espanhol continua a ser indiferente para o pretérito imperfeito do conjuntivo usar «quisiera» ou «quisiese», não acontece igual no português actual, em que *quisera* corresponde ao pretérito-mais-que perfeito de indicativo e *quisesse* ao pretérito imperfeito do conjuntivo. Utilizar neste texto «quisera» ou «puñera» dá um sabor arcaico ao mesmo.

<sup>18</sup> *D. Quixote de la Mancha*, tradução de Miguel Serras Pereira, *op. cit.*, vol. 1, pág. 23. O sublinhado, quando houver, é nosso.

A tradução de Serras Pereira mostra-se —pelo menos nestas primeiras linhas— mais próxima do original cervantino, quanto ao uso de significantes iguais, do que a de José Bento: «desocupado» *vs.* «ocioso»; «sem juramento» *vs.* «sem que eu jure»; «crer» *vs.* «acreditar»; «quisera» *vs.* «gostaria»; «entendimento» *vs.* «inteligência»; «galhardo» *vs.* «airoso»; «discreto» *vs.* «sensato»; «pudera» *vs.* «se possa». Ora bem, não sendo José Bento o único tradutor que comenta o seu interesse por prestar particular atenção a determinados elementos que condizem com o espírito original da obra (independentemente do anacronismo ou casticismo deles), é sim o único que sublinha —na «Nota» inicial da tradução— este cuidado:

[...] concedi a atenção para mim possível a muitos *provérbios*, procurando situar muitos deles por os considerar um elemento importante do saber do tempo, reveladores da mentalidade de quem os cita, mesmo quando o faz para os parodiar, como acontece por vezes com Sancho [...], não esquecendo que muitos desses dizeres faziam parte do património da língua que o escritor aproveita nos seus variados recursos<sup>19</sup>.

O significado de um provérbio não é sempre imediatamente percebido, até porque a sua redacção é, muitas vezes, manipulada.

O destaque dado aos provérbios na obra cervantina tem sido mencionado, nomeadamente, por aqueles estudiosos que se interessaram pelos provérbios portugueses. Assim, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos salientava a universalidade que alcançaram os provérbios espanhóis, dada a sua frequência na boca de personagens que se tornaram quase prototípicos:

Os provérbios espanhóis que alguns representantes geniais do respectivo espírito nacional, tais como o cavaleiro engenhoso, o seu escudeiro e a velha Celestina, tornaram famosos no mundo inteiro [...] <sup>20</sup>.

E a brasileira Ciça Pinto serviu-se da recomendação de Sancho Pança no capítulo 67 da segunda parte do *Quixote*<sup>21</sup> para estabelecer a única condição para o uso dos provérbios em geral: «ter habilidade para sua colocação na conversa»<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, tradução e notas de José Bento, *op. cit.*, pág. 12.

<sup>20</sup> Carolina Michaëlis de Vasconcelos, «Mil provérbios portugueses», *Revista Lusitana (Nova Série)*, VII (1986), pág. 28.

<sup>21</sup> «El refrán que no viene a propósito antes es disparate que sentencia» (*D. Quijote, op. cit.*, II, 67, pág. 1178.6, S.)

<sup>22</sup> Ciça Alves Pinto, *Livro dos provérbios, ditados, ditos populares e anexins*, 2<sup>a</sup> ed., São Paulo, Senac, 2001, pág. 11.

## 2.2. PARÉMIAS E RESPECTIVA SIGNIFICAÇÃO

Passemos a considerar como foram tratadas algumas parémiás<sup>23</sup> que oferecem certa dificuldade, alguma surpresa ou perdem conotações nas traduções do *Quixote*, com realce para a de José Bento. Assim, quando Sancho, com uma visão fatalista —a que traz a desgraça<sup>24</sup>—, se mostra arrependido da sua ambição de querer ser governador, expressa o provérbio «*por su mal le nacieron alas a la hormiga*»<sup>25</sup>. José Bento —que traduz «*para seu mal nasceram asas à formiga*»<sup>26</sup>— indica, em nota de rodapé, que se trata de uma alusão ao provérbio recolhido por Hernán Núñez: «De grande subida, grande queda: *para seu mal nascem asas à formiga*», e que o provérbio existe em português. Certo é que o provérbio está compilado na colectânea espanhola do comendador grego<sup>27</sup>: «De gran subida, gran caída: *por su mal nacen alas a la hormiga*». O problema é que José Bento já o mostra traduzido com a preposição escolhida no seu texto («para»). Mas o que não explica, apesar de ser um provérbio um pouco críptico, é a sua origem, o porquê do seu significado —como faz noutros casos. Tem de se contemplar que o que parece benefício pode conduzir à perdição, pois as asas que nascem às formigas ou são de limitada duração por natureza ou terminam os seus dias no ventre de alguns animais; quando as formigas voam são presa mais fácil dos pássaros. Por isso, o facto de começar a estrutura em espanhol «por su mal» e em português «para seu mal» podem ser equivalentes se ambas tiverem um sentido de finalidade, de fatalidade, embora o primeiro pareça, à primeira vista, causal. Compreender-se-á melhor se atentarmos nas palavras de Sancho, que precedem o provérbio, no diálogo com a duquesa: «Y si vuestra altanería no quisiese que se me dé el prometido gobierno, de menos me hizo Dios, y podría ser que el no dárme lo redundase en pro de mi conciencia, que, manguera tonto, se me entiende aquel refrán de “por su mal le nacieron alas a la hormiga”».

<sup>23</sup> Vid. María Josefa Postigo Aldeamil, «José Saramago y los proverbios», *Revista de Filología Románica*, Anejos II: VII (2001), pág. 274, para conhecer os diferentes termos (anexim, ditado, provérbio, etc.) e conceitos usados em português ao longo do tempo e na actualidade.

<sup>24</sup> Vid. Amando de Miguel, *El espíritu de Sancho Panza a través de los refranes*, Madrid, Espasa Calpe, 2000, pág. 74.

<sup>25</sup> Nas referências do original espanhol, indico a Parte do *Quixote* em números romanos e, a seguir, o capítulo, a página e a(-s) linha(-s) em números arábicos conforme a edição dirigida por Francisco Rico (acima mencionada). Os nomes das personagens apenas estão abreviados quando são dom Quixote ou Sancho: II, 33, 906.14, S.

<sup>26</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, op. cit., pág. 692.

<sup>27</sup> Hernán Núñez, *Refranes hechos por Hernando Núñez Pinciano, Maestro que fue eminentísimo en la insigne Universidad de Salamanca y Catedrático de Retórica y Griego en ella, puestos por la orden del A. B. C.*, Madrid, Juan de la Cuesta, 1618.

Este aspecto negativo é o que não se consegue deduzir do acrescentado ao mesmo provérbio por Luís da Câmara Cascudo, no Prefácio<sup>28</sup> da tradução brasileira de *Dom Quixote de la Mancha*, realizada em 1952: «A formiga quando quer se perder cria asas». Será nesse mesmo sentido que Milton Amado o traduz: —«Para perder-se a formiga criou asas»<sup>29</sup>? Ora bem, a «perdição» não é a vontade que a formiga tem de fugir, como se poderia deduzir do tratamento do provérbio que fazem estes últimos autores, mas uma consequência negativa da altanaria.

Certo é também que, como indica José Bento, o provérbio existe em português. Uma variante, «Dá Deos azas à formiga, *para* que se perca mais asinha», está presente na colectânea do português Francisco Rolland<sup>30</sup> e nos *Ditados Tópicos de Portugal Coligidos da Tradição Oral*, de Leite de Vasconcelos<sup>31</sup>; outra, «Por seu mal nasceram asas à formiga» na recolha de Manuel João Gomes<sup>32</sup>. No *Vocabulario* do salmantino Correas há constância destas duas variantes, «Por su mal y ruina nacen alas a la hormiga» y «Da Dios alas a la hormiga, para que se pierda *más aina*»<sup>33</sup>. Talvez possam estar na base da explicação para o uso de uma ou outra preposição («por»/«para») sem que se modificasse o sentido. A última serviria até para introduzir (lembrando) algumas das seguintes palavras de Sancho, «podría ser que se fuese *más aina* Sancho escudero al cielo que no Sancho gobernador», que retomam o contraste metafórico entre a subida ao céu e a queda; entre ser escudeiro e governador para o bem ou o mal da sua alma. Esta variante é a mais conhecida em Portugal e a escolhida na tradução do Visconde de Benalcanfor<sup>34</sup>, de José Carcomo<sup>35</sup> e, mais tarde, na de Aquilino Ribeiro<sup>36</sup>: «Dá Deus asas à formiga para que se perca mais asinha»:

De qualquer maneira, este provérbio é fácil de descobrir, pois, como já indicámos anteriormente, está inserido no texto com palavras claramente

<sup>28</sup> Luís da Câmara Cascudo (pref.), *D. Quixote de la Mancha*, tradução de Almir de Andrade (Primeira Parte) e Milton Amado (Segunda Parte), 5 vols., Rio de Janeiro, José Olympo Editôra, 1952 (vol. 1, pág. 26).

<sup>29</sup> *D. Quixote de la Mancha*, *ibidem*, vol. iv, pág. 1355.

<sup>30</sup> Francisco de Rolland, *Adagios, proverbios, rifaões, e anexins da lingua portugeza*, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1780, pág. 56.

<sup>31</sup> José Leite de Vasconcelos, *Ditados tópicos de Portugal: colligidos da tradição oral*, Barcelos, Typ. de Aurora do Cavado, 1882, pág. 697.

<sup>32</sup> *Nova recolha de provérbios*, Lisboa, Afrodita, 1974, pág. 293.

<sup>33</sup> Gonzalo de Correas, *Vocabulario de refranes y frases proverbiales (1627)*, Madrid, Castalia, 2000.

<sup>34</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, tr. Visconde de Benalcanfor, 2 vols., Lisboa, Francisco Arthur da Silva, 1877-1878 (vol. 2, pág. 249).

<sup>35</sup> *O Engenhoso Hidalgo D. Quichote da Mancha*, tr. José Carcomo, 3 vols., Lisboa, Bibliotheca de Instrução e Recreio, 1888-1889 (vol. 3, pág. 97).

<sup>36</sup> *D. Quixote de la Mancha*, versão de Aquilino Ribeiro, 2 vols. Lisboa, Edições Artísticas fólio, 1954-1955 (vol. 2, pág. 155).

anunciadoras: «que, manguera tonto, se me entiende aquel *refrán* de», traduzido por José Bento como «embora eu seja pateta, entendo aquele *provérbio* que diz».

O uso, alusão ou evocação dos provérbios e frases proverbiais apresenta-se por vezes no *Quixote* de maneira inacabada ou até contrária àquilo que seria lícito esperar. Hoje em dia já poucos duvidarão da importância de que se revestem na obra de Cervantes aspectos como a «dilogia»<sup>37</sup>, a ambiguidade e o jogo verbal em geral. Merece particular atenção como é proferido por Teresa Pança (que se quer opor à vontade do marido e faz questão dos «caprichos» do mundo) o provérbio repetido noutros contextos na forma canónica, consensual, «allá van leyes do quieren reyes»<sup>38</sup>, ou enunciado na primeira parte e dando por conhecida a segunda, «allá van leyes, etc., y no digo más»<sup>39</sup>. Teresa dirige uma piscadela de olho ao leitor alterando o provérbio para «Allá van reyes do quieren leyes»<sup>40</sup> e isso talvez não seja um erro inocente mas, antes, um hipotético aviso ao marido (e ao leitor). Não acontece o mesmo com muitos dos tradutores que, como José Bento —«mais mandam os reis do que as leis»<sup>41</sup>—, não reparam ou ignoram esta mudança significativa. O surpreendente é que (tal como no provérbio anterior, em nota de rodapé) José Bento explique que se trata de uma alusão ao provérbio «Lá vão as leis onde querem os reis», que está recolhido pelo Marquês de Santillana e que significa que as leis vão até onde os poderosos desejam, manobrando-as à sua vontade. Digo «surpreendente» por dois motivos:

1. por um lado, José Bento indica que é uma «alusão» a um provérbio castelhano (embora ele o mostre novamente traduzido) sem dar conta de que o mesmo provérbio existe em português<sup>42</sup> —talvez por isso, além de o parafrasear no texto, o explique;

2. por outro lado, não incide nesse equívoco que comentávamos, nesse curioso jogo de palavras de Teresa.

Não mantém, pois, a forma proverbial, mas também não altera os elementos significativos como o faz Teresa Pança.

Na tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo (1876-1878) já era respeitada esta nova forma com que se modifica o provérbio primitivo, «lá

<sup>37</sup> Uso de uma palavra com dois significados diferentes num mesmo enunciado.

<sup>38</sup> *Don Quijote*, *op. cit.*, II, 37, pág. 936.22, doña Rodríguez.

<sup>39</sup> *Ibidem*, I, 45, pág. 524.5-6, sobrebarbero.

<sup>40</sup> *Ibidem*, II, 5, pág. 667.25-26, Teresa Panza.

<sup>41</sup> *D. Quixote*, tradução de José Bento, *op. cit.*, pág. 503.

<sup>42</sup> *Vid.* Francisco Rolland, *op. cit.*, pág. 65; *Vid.* Manuel J. Gomes, *op. cit.*, pág. 56.



vão reis aonde querem leis»<sup>43</sup>. Daniel Augusto Gonçalves verte-o da mesma maneira e acrescenta, em nota, que a forma «correcta do rifão» (assim a define) é «lá vão as leis onde querem reis»<sup>44</sup>. Serras Pereira também indica que Teresa inverte o provérbio<sup>45</sup>.

Outra inversão irónico-festiva é a que Sancho faz a propósito do provérbio, coligido também pelo Marquês de Santillana, «Quien bien tiene y mal escoge / por mal que le venga no se enoje»<sup>46</sup>, e que existe igualmente em português<sup>47</sup>. Sancho transforma-o «*quien bien tiene y mal escoge, por bien que se enoja no se venga*»<sup>48</sup>, de maneira a poder jogar:

a) com dois vocábulos homófonos, 1. *venga*, procedente do verbo «vengar(se)» —presente do indicativo— (equivalente port. «vinga»), 2. *venga*, procedente do verbo «venir» —presente do conjuntivo— (equivalente port. «venha»); e

b) com a mudança, no início da segunda parte do provérbio, de «por mal que» que passa a «por bien que», com o sentido de ‘por muito que’, ‘por mais que’.

Sancho animara Dom Quixote a casar com a princesa Micomiconia, avisando-o de que, se o não fizesse, fá-lo-ia o licenciado e que, por muito que se lamentasse mais tarde, não poderia vingar-se disto. Por isso, optar pela introdução do provérbio tradicional na sua forma habitual sem qualquer comentário, como acontece na primeira tradução portuguesa, anónima<sup>49</sup>, na de Castilho e Azevedo<sup>50</sup>, na de Benalcandor<sup>51</sup>, ou na de Aquilino

<sup>43</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, tr. de Viscondes de Castilho e Azevedo, 2 vols., Lisboa, Porto, Imprensa da Companhia Literária 1876-1878 (vol. II, pág. 39).

<sup>44</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, tr. Daniel Augusto Gonçalves, Lisboa, livraria civilização editora, 1978, pág. 401.

<sup>45</sup> *Dom Quixote de la Mancha*, tr. Serras Pereira, *op. cit.*, vol. VI, pág. 62.

<sup>46</sup> Sobre *Los refranes que recopiló Iñigo Lopez de Mendoza por mandado del Rey don Juā. Agora nuevamente glosados. En este año de mil e d.e xiii*, citaremos pela edição de 1876, incluída em J.M. Sbarbi, *El Refranero General Español, parte recopilado, y parte compuesto*, 10 vols., Madrid, Imprenta de A. Gómez Fuentenebro, 1874-1878, págs. 69-152 («Quien bien tiene y mal escoge/ por mal que le venga no se enoje». No tiene razon de se enojar / quien dexo el bien y escogio el mal»), pág. 140. Existe uma outra edição posterior com introdução e notas de M<sup>a</sup> Josefa Canellada, *Refranero del Marqués de Santillana*, Madrid, Ediciones Magisterio Español, 1980.

<sup>47</sup> «*Quem bem está, e mal escolhe, por mal, que lhe venha, não se enoje*». *Vid.* Francisco de Rolland, *op. cit.*, pág. 21.

<sup>48</sup> *D. Quijote*, *op. cit.*, I, 31, pág. 362.28-29, S.

<sup>49</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, [s.n.tr.], 6 vols., Lisboa, Typographia Rollandiana, 1794, vol. II, pág. 200.

<sup>50</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. de Visconde de Castilho e Azevedo, *op. cit.*, vol. I, pág. 295.

<sup>51</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. Visconde de Benalcandor, *op. cit.*, vol. I, pág. 328.

Ribeiro<sup>52</sup> («quem bem está, e mal escolhe, por mal que lhe venha não se enoje»), ou, com similar variante, na de Carcomo («quem bem tem [...]»<sup>53</sup>), não é realmente manter esse jogo linguístico nem dar conta dele. O mesmo se passa com a paráfrase que fazem tanto Almir de Andrade e Milton Amado («quem bem está e mal escolhe, não se queixe do mal que lhe suceder»)<sup>54</sup>, como Eugênio Amado («quem pode ter o bem, e vai o mal escolher, não venha lamentar o bem que deixou de ter»)<sup>55</sup>, ou Serras Pereira («quem bem tem e mal escolhe não se queixe do bem que lhe foge»)<sup>56</sup>.

Por sua vez, José Bento é o único tradutor que indica o registo na colecção do Marquês de Santillana, explica a alteração do provérbio na boca de Sancho Pança, e faz uma tradução acorde com estes novos elementos. Consegue uma outra expressão, também bimembre, com uma musicalidade, ritmo e rima inexistentes no texto cervantino: «*quem tem bem e mal escolhe, por bem que se zangue vingança não colhe*»<sup>57</sup>.

José Bento que, como acabámos de ver, menciona nalguns casos a colecção atribuída ao Marquês de Santillana, a de Hernán Núñez, o *Vocabulario* do salmantino Correas —coevo do *Quixote*— e outros, como referentes para descobrir os provérbios cervantinos, não nos parece que os tenha consultado directamente na sua totalidade, mas através das obras de outros autores. Efectivamente, nas páginas prévias à sua tradução, indica que «para o conhecimento dos provérbios foram-me úteis [...] sobretudo o *Refranero clásico español y otros dichos populares* de Felipe C.R. Maldonado, que selecciona as colecções do Marquês de Santillana [...], de Pedro Vallés [...], de Hernán Núñez [...] e de Gonzalo Correas». Por isso, talvez não se deva estranhar que o provérbio «*jo que te estrego, burra de mi suegro!*»<sup>58</sup> não seja reconhecido por José Bento como tal, pois não está recolhido neste *Refranero*<sup>59</sup>. Embora não seja dos mais conhecidos, encontra-se já n' *A Celestina* («Jo, que te estrego, asna coja»), em Santillana e no *Vocabulario*. Empregar-se-á de modo figurativo com o sentido de «¡Não me convencem as palavras bonitas!». É um provérbio usado quase sempre ironicamente e referido àqueles que, lisonjeando a alguém que não

<sup>52</sup> *D. Quixote de la Mancha*, versão Aquilino Ribeiro, *op. cit.*, vol. I, pág. 164.

<sup>53</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. José Carcomo, *op. cit.*, vol. I, pág. 372.

<sup>54</sup> *Dom Quixote de la Mancha*, trad. Almir de Andrade e Milton Amado, *op. cit.*, vol. II, pág. 584.

<sup>55</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. Eugênio Amado, Belo Horizonte-Rio de Janeiro, Itatiaia, 1982, vol. I, pág. 295.

<sup>56</sup> *D. Quixote de la Mancha*, trad. Serras Pereira, *op. cit.*, vol. III, pág. 122.

<sup>57</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. José Bento, *op. cit.*, pág. 281.

<sup>58</sup> *Don Quijote*, *op. cit.*, II, 10, pág. 707. 13, aldeana.

<sup>59</sup> Felipe C.R. Maldonado, *Refranero clásico español y otros dichos populares*, 9<sup>a</sup> reimpr., Madrid, Taurus, 1987.

o merece ou que não é da sua simpatia, pretendem dissimuladamente tirar algum proveito. Podemos ler as frases de Sancho que provocam esta reacção da aldeã:

—Oh princesa y señora universal del Toboso! ¿Cómo vuestro magnánimo corazón no se enternece viendo arrodillado ante vuestra sublimada presencia a la columna y sustento de la andante caballería?

Oyendo lo cual otra de las dos, dijo:

—Mas *¡jo, que te estrego, burra de mi suegro!* ¡Mirad con qué se vienen los señoritos ahora a hacer burla de las aldeanas, como si aquí no supiésemos echar pullas como ellos!

Continuando com a tradução de José Bento,

—Mas, *oh, malditas palabras de um animal tão feio!* Olhai este palavreado dos doutores da mula ruça, a fazer pouco das aldeãs, como se aqui não soubéssemos dizer piadas como eles!»<sup>60</sup>

observamos que, pelo contexto, o sentido está próximo do original espanhol, pois salienta a descrença, desconfiança ou não convecimento em relação às palavras ouvidas pela aldeã. O que não fica claro é se erroneamente as atribui ao «animal tão feio» como se fosse na qualidade de Sancho. Ao não perceber que se trata de um provérbio com sentido figurado na sua totalidade, José Bento quer fazer uma tradução mais literal do segundo elemento, de «burra de mi suegro» para «animal tão feio». Não nos parece o mais acertado, pois o tradutor deveria escolher ou a versão literal de um provérbio que se desconhece na língua de chegada, nela o introduzindo desta maneira, ou parafraseá-lo completamente. A primeira opção é a mais geral nos tradutores anteriores a José Bento, como, por exemplo, parece ser a que fazem os Viscondes de Castilho e Azevedo (1876-1878): «¡Chó, que te estrefego, burro do meu sogro!»<sup>61</sup>. Ora bem, «estregar» esp. (do lat. vulgar «stricāre»), referido a animais, tinha o sentido de 'esfregá-los, escovar a capa para a limpar', e «estrafegar» port. tinha o sentido de 'sufocar, esganar, estrangular'. Os dois vocábulos (se não é erro do copista) têm, pois, semelhança sonora, mas não semântica. A tradução de Benalcanfor, com «alimpar» (m.q. «limpar»), essa sim, apresenta um significado que corresponde ao original literal espanhol: «Xó! Eu te alimpo, burra do meu sogro!»<sup>62</sup>. Aquilino Ribeiro, na sua original «versão» do *Quixote* (assim a chama ele próprio), parafraseia completamente

<sup>60</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. José Bento, *op. cit.*, pág. 535.

<sup>61</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. de Visconde de Castilho e Azevedo, *op. cit.*, vol. II, pág. 69.

<sup>62</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. Visconde de Benalcanfor, *op. cit.*, vol. II, pág. 66.

a expressão, substituído-a da seguinte maneira: «Que está o tihoso a alanzoar?»<sup>63</sup>. Novamente o que não sabemos é se atribui as palavras ao «tihoso», como qualidade de Sancho (~ animal), ou se constrói uma nova expressão com sentido figurado.

Outro provérbio ao qual se alude no *Quixote* (também não comentado nem reconhecido como tal por Bento, não obstante estar presente, por exemplo, na colectânea de Correias, «A quien nada tiene, el Rey le hace franco»<sup>64</sup>) é aproveitado por Sancho, «*el rey me hacía franco*»<sup>65</sup>, num contexto em que o duplo sentido da palavra «franco» se configura como uma estratégia utilizada por Cervantes para articular o seu ponto de vista literário. No caso de haver litígio, Sancho ficaria isento de fiança por ser pobre; mas cria-se uma piada porque *franco* significa também 'sincero'. De facto, já não enganaria ninguém se dissesse que não tinha o dinheiro, pois tê-lo-ia gasto. Vejamos este contexto em que o cavaleiro da Triste Figura resolveu procurar o possível dono do saco e da mala encontrada por eles e Sancho o tenta dissuadir com as seguintes palavras:

—Harto mejor sería no buscallo, porque si le hallamos y acaso fuese el dueño del dinero, claro está que lo tengo de restituir, y así, fuera mejor, sin hacer esta inútil diligencia, poseerlo yo con buena fe, hasta que por otra vía menos curiosa y diligente pareciera su verdadero señor, y quizá fuera a tiempo que lo hubiera gastado, y entonces el rey me hacía franco.

Na tradução de Bento, «e talvez fosse numa altura em que eu já o tivesse gasto e então *eu ficaria livre de ter de devolvê-lo*»<sup>66</sup>, como na maioria das traduções<sup>67</sup>, não se atende a essa ironia, ao jogo linguístico de Cervantes (Sancho)

<sup>63</sup> *D. Quixote de la Mancha*, versão de Aquilino Ribeiro, *op. cit.*, vol. II, pág. 53.

<sup>64</sup> Gonzalo Correias, *Vocabulario*, *op. cit.*, pág. 34.

<sup>65</sup> *Don Quijote*, *op. cit.*, I, 23, pág. 256.13, S.

<sup>66</sup> *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, trad. José Bento, *op. cit.*, pág. 169.

<sup>67</sup> *Vid.* na primeira tradução, anónima, (1794): «fiquei desobrigado pelo rei» (II, pág. 14); na do Visconde de Benalcanfor (1877-1878): «o rei me desobrigaria» (I, pág. 234); e na tradução do Visconde de Castilho e Azevedo (1876-1878), até se poderia confundir o sentido da frase, porque o rei não aparece claramente como agente que exerce a sua função, mas como alguém sobre quem se produz a perda: «onde não há, El-rei o perde» (I, pág. 162). Certo é que o que realmente faz é usar um provérbio português mais ou menos equivalente. *Vid.* Pedro Chaves, *Rifoneiro Português*, Porto, Imprensa Moderna, 1928, pág. 188. Daniel Augusto Gonçalves (1978) faz recair a força legal não na figura do rei, mas nas leis: «ficando nesse caso por lei desobrigado» (I, pág. 149). Apenas por falta de provas, longe da pobreza, desaparece ao todo a obrigação de restituir o que não é próprio na tradução de Albertina de Sousa (1991): «e então não havendo prova, fico ilibado» (I, 181). O sentido original de não ter nada e ficar isento de fiança aprecia-se também nas traduções brasileiras de Almir de Andrade e Milton Amado (1952), «onde não há nem o rei pode» (II, 433), e de Eugênio Amado (1982), «o próprio Rei me desobrigaria da devolução» (I, 206).

com o vocábulo «franco». Apenas se incide na isenção do pagamento por impossibilidade pecuniária.

No que diz respeito à tradução de Serras Pereira, verifica-se que ele opta por mantê-la literal, «e então o rei me faria franco»<sup>68</sup>, e explica, em nota, «o sentido de “franco” [como] próximo do que assume em “feira franca”», sem excluir a evocação dos «reenvios para termos como “sincero” e “generoso”». Há, pois, um reconhecimento do provérbio, que o conserva, e do duplo sentido que o vocábulo *franco* (coincidente em castelhano e em português) adquire neste contexto.

Embora os exemplos se pudessem multiplicar, procuraremos concluir que, no sempre renovável percurso de descoberta da riqueza do texto cervantino, estas páginas constituem apenas breves momentos de reflexão e análise de alguns dos provérbios e dos termos com duplo sentido que a leitura da tradução de José Bento nos sugeriu.

Após a sua longa e bem afamada experiência como escritor e, sobretudo, como tradutor de obras espanholas, não era de estranhar que José Bento se empenhasse em verter para português *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. Quanto às breves considerações formuladas a propósito da sua tradução e, pese embora o facto de termos apontado algumas propostas menos conseguidas, não podemos deixar de apreciar o seu grande interesse tanto por ser fiel ao texto cervantino como por prestar especial atenção aos elementos proverbiais («reveladores da mentalidade de quem os cita» e que «faziam parte do património da língua que o escritor aproveita»).

Não será demais sublinhar a enorme complexidade da tarefa que o tradutor se propôs empreender. O próprio José Bento, consciente disto, não descartava fazer posteriormente uma «leitura paralela» da mesma obra, sabendo que o obrigaria a uma tradução com «alterações em futuras edições»<sup>69</sup>.

<sup>68</sup> *D. Quixote de la Mancha*, trad. Serras Pereira, *op. cit.*, vol. III, pág. 24.

<sup>69</sup> *Vid.* «Empreitadas” para a vida», *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano xxv/nº 905 (2005), pág. 8.